

Evandra Cristina Gonçalves Moreira

A (RE) CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL COM A “MÃE ÁGUA”: uma etnografia a partir da Barragem de Figueira Gorda – Santiago – Cabo Verde

RESUMO

A inter-relação entre a cultura de um povo e o seu meio encontra a alimentação como um campo propício para pensar a autonomia das mulheres. Este artigo analisa o “espaço social alimentar” (POULAIN, 2013) e suas representações a partir da produção (colheita, conserva e consumo) de feijão na ilha de Santiago – Cabo Verde. Com uma contextualização em termos histórica, geográfica e culturais da agricultura de sequeiro e considerando a interseção entre gênero e classe. O trabalho é uma discussão “contra-hegemónica”, a partir de uma perspectiva decolonial que visa mostrar a autonomia das mulheres no espaço alimentar, ainda que em meio ao cenário de desigualdades sociais e de gênero que existe no país.

PALAVRAS-CHAVE: Feijão; Espaço Social Alimentar; Autonomia; Mulher; Cabo Verde.

ABSTRACT

The interrelation between the culture of a people and their environment

MOREIRA, Evandra Cristina Gonçalves. A (re) configuração do espaço social com a “Mãe Água”: uma etnografia a partir da Barragem de Figueira Gorda – Santiago – Cabo Verde. *Tessituras*, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 128-138, jan./jun. 2018.

finds in food a propitious field for thinking about the autonomy of women. This paper analyzes the “food social space” (Poulain, 2013) and its representations from the production (harvesting, preservation and consumption) of beans on the island of Santiago – Cabo Verde. With a historical, geographical and cultural contextualization of rainfed agriculture and considering the intersection between gender and class. The paper is a counter “hegemonic discussion”, based on a decolonial prescriptive that aims to show the autonomy of women in the food space, albeit in the middle of the scenario of social and gender inequalities in the country.

KEYWORDS: Beans; Food Social Space; Autonomy; Woman; Cabo Verde.

INTRODUÇÃO

O arquipélago Saheliano coloca imensos desafios para o desenvolvimento sustentável. O histórico das secas sem dúvida é a não preponderância de uma política baseada nos princípios da sustentabilidade, a gestão dos recursos hídricos, no incentivo a agronegócio e o discurso do desenvolvimento rural. Contrariando o paradigma de luta contra a seca, concretizada pela construção de inúmeras barragens em Cabo Verde, principalmente nas ilhas com maior potencial agrícola. O que fez com que os agricultores se adequassem a uma nova ordem e estratégia de modernização, das suas práticas e técnicas e até mesmo nas sementes utilizadas. Assim sendo, “as experiências nascidas do saber popular, aprimoradas no diálogo com o saber científico, transformando as mesmas referências para propor ao poder público um modelo diferente de política pública” (DUQUE, 2015. p. 201).

Pois, caso excepcional, trata-se neste texto, a (re)configuração do espaço social com a implantação da Barragem de Figueira Gorda, obra financiada pelo governo português ao governo de Cabo Verde. Com uma das estratégias de impulsionar os agricultores para uma agricultura virada para o mercado, bem como a gestão da água, o que foi adoptada pelo governo como uma agricultura sustentável. Aqui analisaremos como os agricultores estão nesse processo e quais as estratégias utilizadas como forma de responder ao objetivo estabelecidos pelas barragens. A partir de uma etnografia nas imediações da BFG irei trazer os desafios dos agricultores no processo da modernização da agricultura. Isto porque:

a utilização do instrumento etnográfico possibilita observar aspectos, elementos e fatores que permitem caracterizar com maior detalhamento grupos de pessoas que convivem na mesma região, abstraindo aspectos específicos de uma complexibilidade social por vezes ofuscados pelo olhar atento ao contexto material ou despreparado para identificar elementos subjetivos de um modo de vida peculiar (FIALHO, 2015, p. 37).

Esta perspectiva permitiu instrumentalizar a pesquisadora de técnicas que auxiliaram na compreensão das dinâmicas das relações sociais dos agricultores nas imediações da BFG, revelando a interdependência entre eles e o meio ao qual estão em relação, dando conta dos valores, das crenças e desafios que possibilitam subsídios para além da análise descritiva.

E segundo Fialho (2015), essas dimensões da etnografia, permite ao pesquisador a interpretação sobre comportamento social, fazendo dela, um instrumento relevante para os estudos que objetivam conhecer e compreender o processo de desenvolvimento.

Este texto será dividido em 3 momentos: apresentaremos a realidade do arquipélago semiárido e sua evolução histórica, o que explica a (re)configuração do espaço social com a chegada da BFG. No segundo resgataremos a aposta nas barragens, a partir do caso da BFG. Finalmente, a partir de uma etnografia, e entrevistas, mostraremos os desafios da participação dos agricultores a partir das dificuldades na cogestão do novo modelo de agricultura, as crises e sua superação graças a persistência desses trabalhadores que a sobrevivência depende da terra.

CARACTERÍSTICA DO ARQUIPÉLAGO NO SAHEL INSULAR

A expansão marítima europeia, iniciada principalmente pelos portugueses no século XIV, possibilitou aos seus navegadores o contato com a costa ocidental da África, território até então “desconhecido”, do que resultou no “descobrimento” das ilhas de Cabo Verde, no qual a primeira ilha a ser povoada foi a ilha de Santiago, dada as suas características de habitabilidade, principalmente pela presença de água.

Cabo Verde celebrou a sua independência no dia 5 de Julho de 1975. Situado aproximadamente à cerca 500 km da costa ocidental africana, encontra-se no centro do Oceano Atlântico, localizado estrategicamente entre o continente africano, à América e à Europa. Cabo Verde foi se constituindo como um país que possui poucos recursos

naturais para satisfazer toda sua população, em que a prática agrícola nunca chega a suprir as suas necessidades de importação dos produtos alimentares, principalmente do milho que constitui um elemento primário da alimentação cabo-verdiana e mais tarde o arroz.

Como país que testemunhou o colonialismo, e que iniciou com um sistema de escravidão, desde muito cedo criou estruturas de concentração desigual de fatores de produção agrárias. Uma vez que as terras eram pertencentes a proprietários (colonos), os escravos trabalhavam em regime de exploração. Até finais do século XIX, o trabalho na agricultura era assumido pelos escravos, as pequenas parcelas eram cultivadas por meeiros e rendeiros, a maior parte da terra estava na posse de grandes proprietários (os morgados). Como realça Cláudio Furtado (1988), o quadro de seca num clima insular/saheliano desencadeou um processo de desertificação dos mais graves da sub-região. A partir do fim dos anos 60 assiste-se a um abandono massivo do campo pela população jovem que busca, nos centros urbanos e na emigração, alternativas mais risonhas de sobrevivência.

Paralelamente a propriedade da terra num espaço insular constitui um entrave a modernização (LENIRA, 2008), agravado pelo fato de que os proprietários raramente são agricultores. A tentativa de uma reforma agrária nos finais dos anos 70 traduziu-se num grande fracasso e os camponeses acabaram por não aceitarem as mudanças alegando laços tradicionais.

Na contemporaneidade os avanços das tecnologias para as mais variadas esferas da vida humana, torna-se cada vez mais generalizada em diversos sectores para facilitar e suprir as suas necessidades. A construção das barragens por todas as ilhas do arquipélago constitui o pressuposto de grandes avanços para a estratégia de aproveitamento das águas pluviais, a contenção das cheias para à posterior utilização das águas para o cultivo irrigado como forma de potencializar a agricultura que é a base de rendimento para muitas famílias cabo-verdianas, principalmente as do mundo rural.

O que favoreceu ao país um desenvolvimento, tendo em 2008 atingido a categoria de País de Desenvolvimento Médio. O governo em Cabo Verde projeta a construção de mais barragens em Cabo Verde, principalmente nas ilhas com maior vocação agrícola (Santo Antão, São Nicolau e Santiago), como forma de potencializar cada vez mais a prática agrícola e como forma de diminuir o desemprego, na era da modernização agrícola. Cabe questionar-se: como os agricultores reelaboram as suas práticas agrícolas para responder eficazmente às necessidades impostas pelas agendas de políticas Públicas como programas de desenvolvimento rural sustentável, na era das barragens em Cabo Verde?

Dadas as características de as zonas saheliana, Cabo Verde apresenta

duas estações permanentes: a das chuvas, que vai de Agosto a outubro e a da seca, que é o predominante, que vai de Dezembro a Julho. O que faz com que a média da precipitação anual não ultrapassasse os 300mm nas zonas de baixa altitude e 700mm nas zonas de grande altitude (ALMEIDA, 1998).

As características do país fizeram com que a barragem aparecesse como uma alternativa de fazer frentes ao cenário histórico da falta de água.

A APOSTA NAS BARRAGENS: uma análise a partir da BFG

A barragem em Cabo Verde tem como principal objetivo reter à água pluvial, para a sua posterior utilização na agricultura. Segundo Ferreira (2015, p. 4) “o governo cabo-verdiano no âmbito de um pacote de investimento para o mundo rural, projetou a construção de 17 barragens, com vista a mobilizar mais água e assim, modernizar e incrementar a agricultura irrigada”. Porém, neste momento (abril de 2018), o país conta com 9 infraestruturas¹, em fases diferenciadas de construção e implementação.

A construção das barragens está a assumir-se como uma das metas de transformar Cabo Verde, “revolucionando setores como a agricultura, abastecimento de água às populações e até travando o êxodo rural, criando condições para o desenvolvimento de várias áreas econômicas no mundo rural” (FERREIRA, 2015, p. 29). Ainda o autor realça que “esses empreendimentos são vistos como um dos grandes impulsionadores do projeto de desenvolvimento rural, fomentando o discurso, principalmente do governo, sobre o desenvolvimento rural e de modernização da agricultura” (2015, p. 23).

Nesta senda foi construído a Barragem da Figueira Gorda (BFG), localizada na ilha de Santiago², na Ribeira de Boaventura a cerca de 0,5 Km da localidade de Figueira Gorda no interior do Concelho de Santa Cruz, por reunir boas condições topográficas, geológicas, e numa bacia hidrográfica com índices de pluviometria superior à média da ilha de Santiago que é de 321 mm/ano (MOREIRA, 2018). A mesma foi inaugurada em Novembro de 2014, num projeto que ficou avaliado em 3,7 milhões de euros (CABO

¹ Barragem de Poilão, Barragem de Salineiro, Barragem de Faveta, Barragem de Saquinho, Barragem de Figueira Gorda, Barragem de Flamengo, Barragem de Principal na ilha de Santiago e Barragem de Fajã Barragem de Canto de Cagara nas outras ilhas.

² A ilha de Santiago é a maior do arquipélago e conta com uma área de 991 km², com 294135 habitantes distribuídos por 9 concelhos (Tarrafal, Santa Catarina; Santa Cruz; Praia; São Domingos; São Miguel; São Salvador do Mundo; São Lourenço dos Órgãos e Ribeira Grande de Santiago) no total de 22 do país. A ilha alberga a capital do país - a cidade da Praia, localizada no sul da ilha (MOREIRA, 2018, p. 46).

VERDE –MDR – BFG, 2016). E apresenta a seguinte característica:

A barragem da Figueira Gorda é considerada a maior infra-estrutura hidráulica de Cabo Verde e tem capacidade para armazenar cerca de 1,8 milhões de metros cúbicos de águas pluviais – o triplo da capacidade de armazenamento da barragem de Poilão, também localizada na ilha de Santiago. A nova infra-estrutura irá beneficiar cerca de 480 agricultores numa área de 80 hectares de terrenos (correspondentes a aproximadamente 80 campos de futebol), e melhorar a situação de rega no perímetro no vale da ribeira de Boaventura e de Santa Cruz. De acordo com fontes do Ministério do Desenvolvimento Rural, este é um projeto integrado que inclui uma conduta para a distribuição de água a cada parcela cultivada e um reservatório de 100 metros cúbicos na zona de Monte Preto, que garantirá a irrigação de terrenos agrícolas (CABO VERDE – MDR – BFG, 2016).

Segundo Ministério de Desenvolvimento Rural de Cabo Verde, além da construção da barragem, o projeto, financiado no âmbito da linha de crédito cedido por Portugal a Cabo Verde, contemplava a construção de um sistema de irrigação, formação e apoios com micro-créditos para os agricultores ao redor da barragem. Com o funcionamento pleno desta barragem, isto é, com o alagamento do seu leito, várias casas existentes nas suas proximidades foram engolidas pelas águas, razão por que os então moradores locais, num total de 30 famílias, foram deslocados e realojados³.

OS AGRICULTORES DIANTE DA (RE)CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL

Para esta análise recorro a uma parte do trabalho do mestrado (MOREIRA, 2018), com uma análise a partir dos agricultores.

A Barragem de Figueira Gorda criou muita expectativa, sobretudo nos agricultores da proximidade do empreendimento. Pois um dos pontos realçado no país quando se fala da barragem tem a ver com a inserção do agricultor no circuito do mercado. O que torna um desafio para os mesmos.

³ O projeto previa a construção de uma aldeia para as famílias que foram afetadas pela barragem, porém até o término da obra a mesma não ficou pronta. O que fez com que as famílias fossem alojadas temporariamente no centro da cidade no complexo de Casa para Todos na cidade de Santa Cruz. Espaço este que têm uma dinâmica próprias onde as famílias foram recomendadas a levar apenas o essencial de sobrevivência, porque seria uma medida de emergência, porém até hoje (abril de 2018) as famílias permanecem ali.

Num contexto em que os trabalhadores são responsáveis pela produção sem grandes meios.

Teve pessoas que voltaram para a localidade, como forma de inserir no circuito, porém os desafios são enormes. Trago aqui a fala de um agricultor que participou da minha pesquisa.

Eu trabalho na agricultura desde os meus 14 anos de idade. Eu trabalho no Estado – sou chefe de base em Santa Cruz, onde trabalho no Ministério de Agricultura, mas concilio com a agricultura há muito tempo. Eu trabalhava na Ribeira dos Picos, Ribeira Riba também em Saltos no terreno de uma senhora, até que agora estou a explorar o meu aqui. Com a chegada da “mãe água”, evidentemente mudou muita coisa a meu ver. No passado havia problemas de água, estivemos a limpar as fontes para tirar todas as lamas, mas mesmo assim, a água não deu para a rega. O meu cultivo... eu não deixei eles tirarem água para dar aos animais. Houve altura que não tinha água para a rega. Eu tenho um motor de 6 ponto 5, que funciona durante 4h de água. E até agora não teve nenhum problema. E isso tem um custo, porque eu compro água para a rega e combustível. Aqui uma parte não compra a água, tem pessoas que têm a água da Barragem, diques que sempre foi. Eu não sou daqui! (Abana a cabeça). Eu vim. Então eles têm água, cada dia e cada mês (Ag, H2), (MOREIRA, 2018, p. 82–83).

Uma das questões trazida pelo agricultor tem a ver com o terreno para a prática da agricultura. Pois em Cabo Verde as pessoas estabelecem diferentes tipos de relações com a terra. Segundo Moreira (2018) em Cabo Verde, sobretudo na ilha de Santiago, há muitas pessoas da elite, que têm grandes propriedades no interior da ilha e “colocam” outras pessoas a trabalharem e vão só buscar os produtos. Ou a pessoa trabalha e paga uma renda ao proprietário. Que no caso de Cabo Verde o preço está estreitamente ligado com a chuva, isto porque em anos de abundância da água o preço aumenta. Que no caso da barragem, fez com que o preço dos terrenos disparassem. O que torna cada vez mais difícil o acesso do “pequeno” agricultor a propriedade para a produção.

Há pessoas que têm uma porção menor e fazem a plantação e colheita, destinada sobretudo para a subsistência. Essas vêm do interior e não desligaram dos trabalhos na agricultura, ainda que estejam na cidade. O que faz com que não respondam com a potencialidade esperada pelo estado. Isto porque as pessoas estão mais preocupadas com a subsistência da família, e não com a entrada no mercado, visado pelo governo.

Ainda que com a barragem, a disputa pelo acesso à água permanece

nas imediações da barragem de Figueira Gorda. Passando 2 anos da sua inauguração, a água não foi distribuída oficialmente (abril de 2017), e com o mau ano agrícola em Cabo Verde de 2017, que gerou numa seca a situação ficou mais difícil ainda para os agricultores. Como é tratado pelo agricultor:

Nós não temos a liberdade na água em concreto. Nós temos a barragem cheia de água, mas não tem distribuição. Está ali acumulada, ano entrando e saindo. Já passou da altura mesmo. Se tivéssemos cada um com a sua água, em vez de gastar, ia parar o meu motor. O que seria menos custos nesta parte. Utilizava a água do Estado. Governo deve tomar medida, que impulsiona nele, porque somos nós (agricultores) é que ficamos perdidos. Foi retirado dinheiro e uma receita deve entrar. Assim haveria mais vantagens (Ag, H2), (MOREIRA, 2018, p. 83).

Ainda que os agricultores tenham muitos desafios, diante do novo modelo agrícola, é inegável que o espaço social rural constitui um sistema de significações que se revela em função do imaginário coletivo (MOREIRA 2018), porém com certa diferenciação ente os diferentes agentes, em função da terra. A memória da seca e fome é muito presente o que gera uma certa resistência por parte dos agricultores. Pois a incerteza da chuva é uma realidade.

Num contexto em que os agricultores alegam não terem nenhuma formação de modo que os ajudes na produção e a dificuldade de acesso aos equipamentos modernos de produção, por não terem condições económicas.

No cenário das barragens em Cabo Verde, trouxe consigo o discurso cada vez mais presente, que é o do agronegócio. Isto é chamar os agricultores para o mercado – que se configura com a lógica da barragem, seria uma tentativa de os controlar, pois teriam que abrir mão dos seus conhecimentos, entrar na cadeia produtiva, que segundo os dados nacionais, mais de 98% dos agricultores cabo-verdianos não têm uma formação (MOREIRA, 2018, p. 83–84).

Segundo Moreira (2018, p. 84) “o agronegócio não supra todas as necessidades das pessoas impactadas pela barragem, sobretudo os agricultores”. Vale ressaltar que nem todos os intervenientes desse circuito tem um espírito empreendedor, posse de terra, uma formação e sobretudo serem pobres.

Segundo Fernandes (1992) a construção social do espaço é uma atividade simbolizante, em que os seus efeitos advêm da posição e da trajetória sociais. Isto porque a barragem é vista, a partir de dois pontos: o primeiro seria um olhar enquanto espaço para a produção através da

agricultura, com a possibilidade de aumentar o rendimento e, por outro como espaço para o turismo. Porém a realidade dos agricultores dificulta responder a esse enunciado do sobretudo do primeiro ponto.

Sobretudo no momento em cada vez mais se fala da questão do desenvolvimento sustentável, no qual a questão ambiental constitui um outro desafio para os agricultores, sobretudo na gestão da água. Os agricultores vêm apostando paulatinamente em novas técnicas de irrigação. O que é um desejo dos mesmos, mais as condições económicas constituem um impasse, sobretudo na manutenção dos mesmos.

Pois ainda que exista um investimento no setor da agricultura, não existe uma linha de crédito que possibilite ao agricultor a plena satisfação no setor. Segundo um gestor público, a chuva em Cabo Verde é incerta, e os agricultores não terão como pagar os créditos posteriormente. O que constituiu uma total incongruência entre a política pública e a sua implementação. O que gera muito descontentamento no seio dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embarcar numa pesquisa no mundo rural, a partir das dinâmicas “impostas” em nome do desenvolvimento, afeta as dinâmicas dos agricultores. Porém a realidade cabo-verdiana é fortemente marcada pela falta da água e fome, o que faz com que os agricultores tenham cada vez mais resistência quanto a modernização da agricultura, num contexto de carência, ainda que com a aposta do governo nas barragens. Num contexto onde a necessidade de subsistência sobressai a ideologia do Governo de inserir a agricultura no mercado. Numa realidade onde os agricultores não têm condições económicas, nem formação e até mesmo terra para produzir. Reforçado pela incerteza que chuva traz no cenário cabo-verdiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, José Maria. (direcção). Descoberta das ilhas de Cabo Verde. 1998.

CABO VERDE. MDR. BFG – Barragem de Figueira Gorda. Disponível em: <<http://www.mdr.cv>>. Acesso em: 12 set.2016.

DUQUE, Ghislaine. Água para o desenvolvimento rural: a ASA e os Programas P1MC e P1mais2 – Desafios da participação da sociedade civil – governo. In:GRISA Cátia e SCHNEIDER, Sérgio. Políticas Públicas de desenvolvimento rural no Brasil. Porto Alegre. Ed. da UFRGS, 2015. 201–

MOREIRA, Evandra Cristina Gonçalves. A (re) configuração do espaço social com a “Mãe Água”: uma etnografia a partir da Barragem de Figueira Gorda – Santiago – Cabo Verde. *Tessituras*, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 128–138, jan./jun. 2018.

216.

FERNANDES, António. **Espaço social e suas representações**. Comunicação apresentado ao VI Colóquio Ibérico de Geografia. Porto, 14 a 17 de setembro de 1992.

FERREIRA, V. **Conflitos e Participação no Uso da Água da Barragem de Poilão, Ilha de Santiago, Cabo Verde**. Cidade da Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 2015.

FIALHO, M. Observação e interpretações sobre populações rurais em regiões de pobreza: etnografia e experiências de campo. In. RADOMIK, G et all (ORG). **Pesquisas em desenvolvimento rural: técnicas, base de dados e estatísticas aplicadas aos estudos rurais** – Volume 2. Editora da UFRGS, 2015.

FURTADO, Cláudio. **A Transformação das Estruturas Agrárias numa Sociedade em Mudança– Santiago, Cabo Verde**. 184 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

LENIRA, Maria. **Agricultura na Bacia Hidrográfica de Ribeira Seca**. Trabalho apresentado ao Instituto Superior de Educação (ISE) para à obtenção do grau de licenciatura em Geografia. 2008.

MOREIRA, Evandra. **“Nos nu tem k certa, ti certa”:** Políticas públicas e suas relações com o gênero em Cabo Verde na era das barragens. Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UNISINOS. 2018.

AUTORA

Evandra Cristina Gonçalves Moreira

Socióloga, licenciada em Ciências Sociais – Sociologia pela Universidade de Cabo Verde (Uni–CV) (2014) e mestre em Ciências Sociais na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (2018). Tem interesse nas seguintes áreas: Sociologia Rural, políticas públicas; Famílias; Relações de gênero; Desenvolvimentos rural; Perspetiva decolonial. E-mail: evandramor91@gmail.com.

MOREIRA, Evandra Cristina Gonçalves. A (re) configuração do espaço social com a “Mãe Água”: uma etnografia a partir da Barragem de Figueira Gorda – Santiago – Cabo Verde. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 128–138, jan./jun. 2018.

Recebido em: 25/05/2018.
Aprovado em: 27/09/2018.
Publicado em: 28/10/2018.

MOREIRA, Evandra Cristina Gonçalves. A (re) configuração do espaço social com a “Mãe Água”: uma etnografia a partir da Barragem de Figueira Gorda – Santiago – Cabo Verde. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 128–138, jan./jun. 2018.